

## REFLETINDO O IMAGINÁRIO INFANTIL DO POVO AMAZÔNIDA

Autora<sup>1</sup>. LIMA, Maria de Nazaré Teles de  
Autora<sup>2</sup>. THOMÉ, Zeina  
Autora<sup>3</sup>. CAVALCANTI, Francisca Maria  
Coelho

**RESUMO** - Na região Amazônica, as águas e a floresta fazem parte da vida da criança ribeirinha e apresentam-se como elementos fundamentais de sua vida, seu sustento, sua infância, seus medos, seus símbolos, seu imaginário, sua história e sua cultura. É nesse contexto que as águas escuras do rio e a mata absorvem um complexo universo de significados, no qual as crenças, os mitos, o sagrado os seres sobrenaturais ganham relevância cada vez maior à medida que a criança ribeirinha na busca de explicações para os fenômenos, seu cotidiano e sua concepção de mundo, consegue construir sua ludicidade. Com este estudo buscou-se analisar o cotidiano da criança do povo das águas negras, especificamente na Comunidade de Sobrado, Estado do Amazonas, considerando o rio, a floresta e o contexto escolar como espaços e elementos facilitadores na construção do imaginário infantil. Esse estudo se caracteriza como sendo de natureza descritiva e abordagem qualitativa, apresentando estratégia metodológica na análise dos dados coletados através da observação, de conversas informais e dos postulados de teóricos, como Gilbert Durand, Freire, Silva, entre outros, que tiveram como foco de estudo a formação do imaginário e a relevância da ludicidade no desenvolvimento infantil. Por conseguinte, esta investigação contribui na construção de um possível caminho para a compreensão da realidade infantil ribeirinha, e como a floresta, o rio e o espaço escolar, podem atuar como elementos fomentadores de sua ludicidade e de seu imaginário. Além disso, o estudo oferece subsídios teóricos aos profissionais da educação preocupados em compreender a realidade amazônica ribeirinha.

**Palavras-chave:** Imaginário. Criança ribeirinha. Rio. Floresta.

**ABSTRACT** - In the Amazon region, waters and the forest are part of the life of riverside children and present themselves as fundamental elements of their life, their livelihood, their childhood, their fears, their symbols, their imagination, their history and their culture. It is in this context that the dark waters of the river and the forest absorb a complex universe of meanings, in which beliefs, myths, the sacred and supernatural beings gain increasingly greater relevance as the riverside child searches for explanations for the phenomena, his daily life and his conception of the world, manages to build his playfulness. This study sought to analyze the daily lives of children from the people of Águas Negras, specifically in the Community of Sobrado, State of Amazonas,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE/UFAM. Profa. da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Nazateles45@gmail.com.

<sup>2</sup> Profa. Orientadora: Dra. em Engenharia de Produção área Mídia e Conhecimento. Professora Associada III e Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Amazonas – UFAM. zeinathome@gmail.com.

<sup>3</sup> Profa. da Universidade Federal do Amazonas – UFAM/Faculdade de Educação. Dra. em Psicologia e Ciências da Educação.

considering the river, the forest and the school context as spaces and elements that facilitate the construction of children's imagination. This study is characterized as being descriptive in nature and with a qualitative approach, presenting a methodological strategy in the analysis of data collected through observation, informal conversations and the postulates of theorists, such as Gilbert Durand, Freire, Silva, among others, who focused on the study of the formation of imagination and the relevance of playfulness in child development. Therefore, this investigation contributes to the construction of a possible path to understanding children's riverside reality, and how the forest, the river and the school space can act as elements that promote their playfulness and their imagination. Furthermore, the study offers theoretical support to education professionals concerned with understanding the riverside Amazon reality.

**Keywords:** Imaginary. Riverside child. River. Forest.

## 1. INTRODUÇÃO

O imaginário amazônico se alimenta do grande mosaico em que o rio e a floresta se apresentam aos olhos do homem ribeirinho. Considerando tal cenário, com este estudo, buscou-se analisar o cotidiano da criança do povo das águas negras, especificamente na Comunidade de Sobrado, Estado do Amazonas, considerando o rio, a floresta e o contexto escolar como espaços e elementos facilitadores na construção do imaginário infantil.

Por conseguinte, a pesquisa teve natureza descritiva e abordagem qualitativa, apresentando estratégia metodológica na análise dos dados coletados através da observação, de conversas informais e dos postulados de teóricos, como Gilbert Durand, Freire, Silva, entre outros, que tiveram como foco de estudo a formação do imaginário e a relevância da ludicidade no desenvolvimento infantil.

A relevância da investigação deu-se a partir da percepção de sua contribuição na construção de um possível caminho para a compreensão da realidade infantil ribeirinha e como a floresta, o rio e o espaço escolar, podem atuar como elementos fomentadores de sua ludicidade e de seu imaginário, oferecendo, com isso, subsídios teóricos aos profissionais da educação preocupados em compreender a realidade amazônica ribeirinha.

Sabe-se que desde a antiga Grécia, os rios eram adorados e cultuados como sendo os pais das magnificas ninfas, tendo por pai o poderoso Oceano. Em seus postulados, Chevalier e Gheerbrant (2001) destacam que o simbolismo do rio e o próprio movimento de suas águas apresentam-se através da possibilidade de totalidade e da fluidez de suas formas, além de estar associado à fertilidade, à renovação e à morte.

Para os gregos, o rio possuía o poder da submersão, da irrigação e inundaçãõ, bem como o de permitir a locomoção de seus barcos, embora, também, conforme seu desejo, o naufrágio dos mesmos. Daí a crença de que o rio por ter tal poder, simbolizava a própria existência dos homens e o curso de suas vidas.

Para Durand (1997) os símbolos das trevas são basicamente animados pelo schème das águas que fluem, as quais nos escapam por conta de sua profundidade, seu negrume, e seu reflexo ao nos confundir com a duplicação das imagens.

É nessa complexidade que o homem ribeirinho e o contexto geográfico se imbricam, fundindo-se numa espécie de comunhão mítica, na qual as águas representam o sangue da terra que, por sua vez, simboliza a mãe de todos.

Na compreensão de Durand (1997), a água é percebida como sendo um isomorfismo de sangue, e o sangue o senhor da vida e da morte. Nesse sentido, o mundo vivido pelo caboclo ribeirinho é mesclado realisticamente pelo universo do real e do irreal, do possível e do impossível.

É nesse contexto amazônico que ele constrói sua cultura e alimenta seu imaginário a partir de elementos advindos de seus mitos, lendas e crenças. (ANSART, 1978). Assim, essas pessoas criam e recriam seu imaginário e o conhecimento do mundo que as cerca. Suas vidas são alicerçadas num conluio entre a objetividade e a subjetividade que, por sua vez, concretizam sua cultura.

É nas águas escuras do rio que o homem ribeirinho concentra suas fantasias e sonhos. É nelas que se encontra concentrado os elementos que alimentam os seres que fazem partes de suas lendas e mitos. São esses elementos que de uma forma irreal dão sentido ao real, que de uma forma subjetiva responde à objetividade da realidade ribeirinha amazônica.

Segundo Durand (1988), é através da imaginação que o homem consegue atingir seu equilíbrio. Através de suas fantasias, ele busca aliviar seus conflitos existenciais e partir em busca da tão esperada felicidade. E é por meio dessa busca que ele tenta se liberar de suas angústias e enfrentar o medo e o mistério frente à morte.

O imaginário do homem ribeirinho abrange um universo ilimitado. É constituído de seus sonhos, inseguranças, abstrações e crenças, haja vista que sua função é a de criar o ficcional, o inesperado, o algo novo e utópico, e, assim, superar os obstáculos impostos pelo mundo real.

Para Loureiro (1995),

[...] a cultura amazônica, na busca por encontrar a sua mola propulsora, depara-se com um mundo povoado de seres, signos e fatos que podem indicar várias possibilidades de análise e interpretação. É um mundo de pescadores [...] que abriga casas humildes; de um viver contemplativo onde predominam a linguagem e a expressão devaneante, como se seus habitantes caminhassem entre o eterno e o cotidiano.

O tempo, assim, acontece mesclado pelo o espaço temporal mítico e o secular, embora se estabeleça de forma linear, considerando-se que este seja o tempo da concretude cultural.

Em outras palavras, pode-se dizer que o homem encontra-se vivendo numa dimensão temporal de duplicidade, na qual experimenta, ao mesmo tempo, as dimensões míticas e profanas, que nada mais é do que o tempo do próprio homem.

Assim, pode-se expressar que o imaginário do homem ribeirinho (enquanto produção humana) originou-se e desenvolveu-se no inconsciente coletivo amazônica no momento em que são incorporados a ele os elementos simbólicos que a natureza e o sincretismo cultural desse povo agregaram ao longo de sua existência.

Todo esse processo cultural, apesar da influência religiosa em todo o país pelos jesuítas, a cultura cabocla, através da oralidade, perpetuou-se por meio de histórias, lendas e narrativas míticas, contadas pelos mais velhos às crianças do lugar.

Loureiro (1995) ao estudar tal fato, consegue identificar na cultura da região uma forma poética de imaginário, no qual a natureza encontra suporte no estético e na poesia,

uma vez que esses criadores de cultura se encontram envolvidos na ação contemplativa e imersos em um universo fantasticamente mágico.

Ao sentir-se parte do rio, da floresta e de tudo que deles fazem parte, o homem ribeirinho insere-se num mundo no qual naturalmente não consegue mais ver-se sem ele, sem estar nele. Por isso, aprende a viver despertando sua sensibilidade, seu modo particular de ver os elementos da natureza e a respeitar o que, em sua compreensão, é preciso que se permaneça em mistério.

Em uma região onde as lamparinas<sup>6</sup> são os únicos focos de luz, durante a escura noite, a audição se torna um elemento grandemente importante. A escuridão é associada às trevas, e nelas as referências perdem-se e dão lugar à insegurança e ao temor do desconhecido. Nesse sentido, o ouvido assume relevância em detrimento da visão. Poisno escuro basta ouvir para imaginar. (DURAND, 1997).

Assim, durante a noite, a escuridão transforma-se em um elemento essencial e motivador para o imaginário dos que não conseguem dominar o negrume que o rio e a floresta submergiram. O imaginário se liberta e os seres encantados que vivem nas profundas A realidade ribeirinha, portanto, sempre estará acompanhada dos devaneios e do imaginário do homem caboclo. Segundo Teves (1992),

A partir de sua posição na realidade os indivíduos constroem conhecimentos do mundo, apreendem diferentes modalidades da realidade: a realidade empiricamente vivenciada, a realidade das ideias, dos sonhos, das crenças, das emoções, das insatisfações; enfim, a realidade interior e exterior a todos nós [...] numa totalidade vivida e constituída socialmente.

Dessa forma, a região amazônica é um espaço estimulante para o imaginário daqueles que aprenderam a viver de forma harmoniosa com o rio e a floresta. É um espaço no qual a fantasia e o devaneio são elementos intrínsecos e necessários à construção da cultura e da realidade desse povo.

## **2. A infância na Comunidade do Sobrado: o mundo é feito de água**

Houve um tempo em que os contos de fadas facilmente acompanhavam e faziam parte do imaginário infantil. A história da Branca de Neve e o sapatinho de cristal da

Cinderela embalavam o sono de qualquer criança e, muitas vezes, eram referências para que pudessem estabelecer e diferenciar o bem do mal, o castigo e a recompensa.

Histórias de feitos heroicos, conteúdos que encerram lições de vida, fábulas em que o bem prevalece sobre o mal são lições que as crianças absorvem. Por meio das histórias, os meninos defrontam-se com situações fictícias e percebem as várias alternativas que elas oferecem, podendo antever as consequências que a decisão por cada uma delas trará. Com isso, adquirem vivência e referências para montar os seus próprios valores. (DOHME, 2010).

Atualmente, diferentemente desse cenário, as crianças vivenciam experiências e compreendem o mundo de outra forma. Os meios de comunicação invadiram nossas casas e os heróis atuais não dependem mais da ajuda de anjos ou espadas mágicas. Os heróis e monstros apresentados pela televisão, ou jogos tecnológicos, tem super poderes. A morte, assim como a vida, assume uma condição banalizada, na qual é admitida como fato necessário e comum.

Nesse sentido, o bem, por vezes, parece-se com o mal, e os heróis, em muitos casos, são preteridos pelas crianças quando os vilões se apresentam mais coloridos e com poderes maiores ou mais interessantes. Entretanto, indiferente a essa realidade, a criança ribeirinha brinca e imagina seu mundo de forma bem peculiar.

Distante da influência dos filmes ou desenhos animados dos mais diversos, a infância dessas crianças acontece livre da influência da mídia. A luz elétrica ainda, infelizmente, é algo utópico. O brilho presente em suas casas, durante a noite, advém de tênues e parcas lamparinas. As crianças do povo das águas negras jamais ouviram falar no He Man, no Esqueleto<sup>4</sup> ou mesmo no minotauro<sup>5</sup>. Suas personagens encantadas são as sereias, os botos, os sacis, a matinta e a mula sem cabeça.

Os infantes do local jamais experimentaram um vídeo game. Mas aprendem nadar desde pequeninos; crescem conhecendo os animais e plantas que devem evitar, e diferenciam os cantos dos pássaros. Aprendem no dia a dia como contornar o banzeiro, para a canoa não virar nas águas profundas do negro rio, e identificam, sem erros, todos

---

<sup>4</sup>Antigos personagens de histórias infantis apresentadas na televisão.

<sup>5</sup>Personagem da mitologia grega, filho do Rei Mino, que tinha o corpo de homem e a cabeça de touro.

os tipos de peixes da região.

Eles nunca assistiram a um jogo televisionado, mas ficam conhecendo os grandes jogadores através do radinho de pilhas. É através desse pequeno aparelho que os adultos ficam sabendo das notícias da cidade grande, e os pequenos podem ouvir e criar imagens de lugares e situações que, talvez, a grande maioria jamais tenha a oportunidade de contextualizar.

### **2.1. A criança e as águas escuras: entre o perigo e o belo**

Durante nossas conversas, as crianças expuseram que se não existisse o rio não existiriam as pessoas, e se não existisse a floresta, não existiria mais nada. Entretanto, a beleza do lugar oculta o perigo eminente. O negrume do rio, além de encantar, assusta. Se no período da vazante ele presenteia o ribeirão com a terra fértil e a beleza natural, o rio, assombrosamente, durante a cheia engole parte da floresta e as casas do povo local.

Durante a cheia, todos dormem preocupados. As águas sobem com uma rapidez surpreendente e invadem as casas, sem pedir licença ou aviso prévio.

Segundo palavras de um morador "o medo maior começa ao entardecer e só deixa a gente quando amanhece".

Além da subida das águas, o temor advém de sua força quando provocadas pelos navios petroleiros e as grandes embarcações que, tal qual um imenso chicote, açoita o rio, fazendo-o revoltar-se e investir impiedosamente contra as pequenas casas e o barranco indefeso.

Essa grande e fatal revolta vem através do banzeiro; não tendo, portanto, hora marcada para acontecer. Por conta disso, na escuridão da noite, vale salientar, tudo se torna mais difícil e perigoso. Todavia, por vezes, extraordinariamente, parece que o barranco chora para encontrar-se com o rio. Então, no desespero, ele se joga aos poucos, e parte de si encontra as águas, finalmente. As árvores, por sua vez, parecem banhar-se ao longo das negras águas.

Qualquer poeta poderia facilmente dizer que, nesse momento, o torpor do belo sobrepõe-se ao simplesmente natural. Pois é necessário o olhar humano para que esse momento saia do natural, simplesmente.

Durante as idas e vindas à escola, nessa longa estrada marítima, o pequeno barco, com as crianças a bordo, na tentativa de escapar dos grandes e perigosos banzeiros, adentra ramais pouco percorridos.

O silêncio só é quebrado pelo ronco surdo do motor do barco e o canto de pássaros "invisíveis".

A infância é um período da vida humana em que a "emoção imaginativa tem uma intensidade especial". Isso porque as crianças tendem a se envolver, a se entregar mais livre e à fantasia do que os adultos, o que não significa que a imaginação daquelas seja mais rica do que os adultos, o que não significa dizer que a imaginação daquelas seja mais rica do que a destes. (KEARNEY apud GIRARDELO, 1998).

Ao longe, alguns galhos balançam. Os menores, dentro da pequena embarcação, apertam a mão das crianças maiores. Deve ser o caboquinho<sup>6</sup> ou a matinta<sup>7</sup> à espreita; é preciso ter cuidado e tentar ver o que acreditam, ao mesmo tempo, ser invisível. Os sons indefinidos a elas, advindos da misteriosa mata, durante o trajeto, são falas "daqueles" que não sabem falar a língua do homem.

Segundo Bachelard (1998),

Essas experiências engendradas no encontro das crianças com a natureza, vividas com intensidade, espanto, admiração, encantamento e afetividade, tendem a alimentar a imaginação não apenas na infância, mas na vida daquele que sonha.

Mas, indiferente a todo esse "acontecer mágico infantil", o único adulto presente

---

<sup>3</sup> Figura mítica da região, caracterizada pelos ribeirinhos como um ser de baixa estatura (lembrando uma criança), coberta de pelo branco, muito ágil, que se esconde na mata.

<sup>7</sup> Personagem mítico amazônico que assusta as crianças com seu perturbador assobio, à noite. O assobio representa uma espécie de aviso da matinta pedindo uma porção de tabaco, ao dono da casa. Este, por sua vez, deve, na noite seguinte, deixar na soleira da porta a oferenda que, no meio da noite será levada por ela, em forma de uma velha com asas. Ao se apossar do tabaco, a matinta transforma-se em um pássaro e some na escuridão da floresta.

no barco preocupa-se em não o deixar prender-se nos troncos submersos. Apesar de estarem em águas mais calmas e não profundas, o perigo de cobras e jacarés é uma constante. É sua responsabilidade não deixar o barco virar. E, infelizmente, a preocupação do condutor tem sentido, raros não são os acidentes que ocorrem nessas águas.

A antiga canção infantil que diz "a canoa virou deixaram virar. Foi por causa da Maria que não soube remar. Se eu fosse um peixinho e soubesse nadar, eu tirava a Maria do fundo do mar", na verdade não tem nada de agradável ou engraçado, se analisada a partir do ponto de vista em que tal canção retrata dura e cruelmente a realidade dessas crianças.

Durante o trajeto de muitos barcos, fretados por turistas, ou mesmo de linha, é comum vermos adultos e crianças, em pequenas canoas, tentando chegar próximo da embarcação, na tentativa de vender frutas ou outro qualquer produto. Mas o banzeiro produzido pelos barcos transforma-se em perigo eminente para os tripulantes vendedores.

Algumas vezes, a canoa não suporta a força e o movimento da água e vira. O desespero é grande e evidente. Os produtos são engolidos rapidamente pela escuridão do rio. Mas o povo das águas negras é lutador e, geralmente, consegue voltar para casa apenas com o susto e a tristeza da perda do que se perdeu no rio.

Entretanto, há ocasiões em que muitas Marias se perdem nas águas. Há ocasiões em que, fatalmente, muitos pais gostariam de tirá-las do "fundo do mar".

Esses pais sabem, literalmente, que a culpa da canoa virar não foi de suas Marias. Eles choram e lamentam suas perdas, mas jamais culpam ou se revoltam contra o grande negro rio. Mas, apesar disso, as crianças brincam; e enquanto brincam não percebem o rio apossando-se silenciosamente da terra; chegando manso e assustadoramente.

Os quintais desaparecem. A floresta reconhece a soberania das águas e entrega, passivamente, parte de seu reinado. O cenário amazônida modifica-se. É o tempo da cheia. Durante esse período, acabam-se as brincadeiras de roda, os jogos de bola na beirada do rio e as rotineiras caminhadas na mata. O rio adentra a região sem pedir licença e invade as casas, a igreja e a pequena escola.

Para as crianças do povo das águas, o dia fica menor. Mas, mesmo que as crianças durante todo o tempo demonstrem que não notaram o avanço das águas, aos adultos tal fato não passa, sequer, despercebido.

Começa, assim, a construção das marombas<sup>8</sup>

Nesse período, literalmente, para essas crianças, o planeta é feito de água. E nesse "planeta água", indiferentes ao perigo, pelo simples fato de este fazer parte de seu cotidiano infantil, as crianças costumam imaginar o rio como uma imensa piscina negra, onde subir nas copas das árvores (que ainda não foram submersas), e pular na água, é apenas diversão. Momento em que o alerta ao perigo é inexistente aos infantes.

Para Santin (1996), o termo ludicidade encontra-se literalmente imbricado na sensação de sentir-se livre, predisposto a inteirar-se com o outro e com os outros. Viver um momento lúdico, então, é trabalhar a imaginação e experimentar a autonomia.

A brincadeira é um fenômeno natural, uma vez que se constitui num conjunto de conhecimentos, sentidos e significados construídos pelos sujeitos nos contextos históricos e sociais em que se inserem.  
[...] a brincadeira é um lugar de construção de cultura fundado nas interações sociais entre as crianças. (BORBA, 2006).

Para as crianças do povo das águas negras, nesse contexto, a brincadeira é banhar-se às margens do rio e, magicamente, para elas, as copas das árvores apresentam-se como encantadores trampolins.

Nesses momentos, puramente lúdicos, suas gargalhadas e gritos de satisfação ecoam pelo rio e, sem que elas percebam, muitas vezes, infelizmente, despertam a atenção da grande fera. Afinal, para elas, brincar na água é mágico e grandemente prazeroso. O "grande monstro" (o jacaré) observa, à espreita, esperando o momento certo para atacar. Mas, na crença infantil, coisas ruins só ocorrem quando deus permite. E se Ele não quiser, nada acontece. Assim, o grito dos pais, chamando-os, avisando-os

---

<sup>8</sup> Maromba é um recurso de elevação do piso de madeira, com o objetivo de evitar contato direto com a água da cheia dentro das habitações ribeirinhas. Recurso este utilizado tanto para proteger pessoas quanto animais domesticados.

do término da brincadeira, pega o inimigo de surpresa e o desarma.

Como por encanto, o silêncio reina e a paisagem rapidamente toma outro tom. A noite dá indícios que está chegando. O ensurdecedor canto das maracanãs<sup>9</sup> profetiza a escuridão total sobre o rio e a mata. É hora de criança dormir e a matinta despertar. É a vez do boto virar gente e procurar uma donzela para encantar. O imaginário infantil sobrepõe-se à realidade adormecida.

Segundo Silva (2006), “[...] todo imaginário é um desafio, uma narrativa inacabada, um processo, um texto, um hipertexto, uma construção coletiva, anônima e sem intenção. O imaginário é um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais e sempre diferentes”.

O boto para os amazônidas remete uma imagem associada à sexualidade, virilidade, fertilidade e mistério.

Conhecido cientificamente como *Inia geoffrensis*, o boto no Brasil, é considerado o único mamífero totalmente aquático da região amazônica. É habitante dos rios de água doce e, embora reconhecidamente nade em bando para se acasalar e se alimentar e seja bastante curioso, apresenta-se como um ser solitário e extremamente amistoso ao contato humano.

Suas genitálias se assemelham às dos órgãos sexuais masculino e feminino do ser humano, dando repertório para a imaginação divagar a ponto de criar histórias, buscar respostas do real através do sobrenatural, encobrir um fenômeno social (o boto é o pai de toda criança quando esta tem seu progenitor desconhecido). Ademais, misticamente, serve como fetiche para muitos homens e mulheres da região amazônica que, por sua vez, acreditam que as genitálias do boto têm o poder de atrair o sexo oposto.

A imaginação não é apenas a capacidade de combinar elementos já dados para produzir um outro. A imaginação é o que nos permite criar um mundo, ou seja, apresentarmos uma coisa da qual sem imaginação não poderíamos nada dizer e, sem a qual, não poderíamos nada saber. (CASTORIADES, 1990).

---

<sup>9</sup> Ave de pequena estatura, conhecida, também, como ararinha, que costuma sobrevoar os rios e habita, preferencialmente, as florestas da Mata Atlântica, no cerrado e na caatinga.

Dessa forma, o povo das águas negras sabe que o homem e o rio precisam conviver juntos. Reconhece sua fragilidade e seu tamanho mediante o mistério e a profundidade do negro. Ele o teme, mas é nítido seu respeito e admiração quando o contempla, ao final do dia, e quando adormece ao som calmo de suas águas batendo, carinhosamente, nas tábuas das casas flutuantes, enquanto a cheia ainda não for problema.

### **3. CONCLUSÃO**

A Amazônia é uma região cheia de poesia e vida, considerada um símbolo da biodiversidade mundial. É um lugar que preserva a beleza natural das paisagens e a harmonia. No meio de seus diversos sistemas ecológicos, sistemas de crenças e poesias, encontram-se as comunidades tradicionais que, como modo de vida, dedicam-se diariamente a assegurar sua existência através de uma variedade de estratégias, diante de inúmeros desafios governamentais, principalmente a nível federal, menosprezando não apenas os ecossistemas locais, mas também os sistemas culturais que sustentam e são sustentados por essas terras úmidas tropicais da Terra.

É nesse contexto que as crianças ribeirinhas da Amazônia vivenciam um encontro extraordinário com os brinquedos e brincadeiras que ganham vida nas águas do majestoso rio. Nesse cenário único, a criatividade das crianças se une à riqueza da natureza, proporcionando instantes mágicos que ficarão eternamente gravados em suas memórias.

A interação lúdica com os elementos aquáticos revela não apenas a importância da conexão com o meio ambiente, mas também ressalta a diversidade cultural e a essência pura da infância. É inspirador testemunhar a alegria genuína estampada nos rostos dos jovens ribeirinhos, que mergulham nas águas cristalinas para se conectar com a essência simples e poderosa da brincadeira. Este encontro enriquecedor não só ressalta a importância do vínculo entre a natureza e as crianças, mas também nos convida a refletir sobre a magia e a simplicidade que permeiam a vida ribeirinha na

Amazônia.

Assim, ao longo das águas escuras do profundo rio, as crianças vivenciam uma realidade na qual o rio e a floresta apresentam-se como elementos coadjuvantes, porém importantíssimos, em sua construção cultural. Seus saberes culturais são construídos através de seu cotidiano e baseados nos conhecimentos de seus pais e avós, que lhes são passados através de uma educação estruturada na informalidade.

Dessa feita, o imaginário infantil ribeirinho é composto de crenças, mitos, lendas e histórias fantasticamente criadas, mas que, naturalmente, vão sendo incorporadas à forma da criança apreender o mundo e se imaginar fazendo parte dele.

Esse imaginário está presente e é revelado em cada movimento lúdico, em cada forma da criança expressar sua compreensão de mundo e a relação a qual se permite ter com o rio e a floresta.

A criança do povo da Comunidade do Sobrado é caracteristicamente tímida, mas controversamente falante de seus sonhos e fantasias. Essa criança é lúdica por natureza e, desde pequena aprende a conhecer, admirar, conviver e respeitar um pacto silencioso, travado desde seus antepassados, com os elementos da natureza.

Nesse interagir, ela transforma a mata e as escuras águas do rio em um espaço precioso, onde o real e a fantasia se misturam. Assim, considerando a dimensão dessa interação, para as crianças, o rio e a floresta, bem como seus símbolos, mitos e lendas, assumem exterioridade simbólica do imaginário amazônico, permanecendo presente em sua ludicidade.

É durante suas brincadeiras preferidas (subir nas árvores, saltar e nadar no rio, jogar bola e brincar de roda) que se percebe que o repertório lúdico infantil acontece rodeado por seu contexto cultural e natural.

As brincadeiras identificadas como espaços lúdicos, enquanto formas de expressão do imaginário social da criança ribeirinha, são exatamente as que oferecem a promoção de interação entre os sujeitos, a floresta, o rio e os elementos simbólicos e míticos, os quais, por sua vez, afloram a fantasia infantil e perpetuam a cultura do povo ribeirinho.

O pular e o nadar nas águas escuras do rio constitui-se para a criança o momento em que ela imita os botos e sente-se, por conseguinte, parte desse universo. O rio representa um espaço misterioso e, ao mesmo tempo, ao olhar infantil, um desafio que pode ser explorado e superado.

A brincadeira não consiste somente em pular e nadar, mas extrapolar seu próprio limite quando, progressivamente, a criança busca os galhos mais altos das árvores para efetuar seu mergulho nas profundas e negras águas. Ao enfrentar o desafio que elas a si impõem, sentem evidente satisfação ao serem admiradas e respeitadas pelas demais que ainda não o conseguem.

Mas ser criança no contexto ribeirinho amazônida não é fácil. Significa ter que ficar atenta às mensagens da natureza e dos ensinamentos dos mais velhos, constantemente; arriscar-se ao longo da travessia do rio, para ir à escola, e se expor aos frequentes perigos impostos pelos animais da região. Mas é nesse mundo que ela cresce e tenta inteirar-se.

O estudo do imaginário e de seus pressupostos teóricos é essencial para uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas sociais e culturais que permeiam a vida em sociedade. Ao explorar a relação entre a criança, os imaginários socio-discursivos e a construção simbólica da realidade, é possível desvendar as complexidades que regem as interações humanas e as práticas discursivas que moldam nossa percepção do mundo e de nós mesmos.

Dessa forma, esta investigação almeja contribuir à Comunidade Científica, como forma de um possível caminho para a compreensão da realidade infantil ribeirinha, e como a floresta, o rio e o espaço escolar, podem atuar como elementos estimuladores de sua ludicidade e de seu imaginário. Ademais, espera-se que o estudo ofereça subsídios teóricos aos profissionais da educação que estejam interessados em compreender a realidade amazônica ribeirinha.

#### **4. REFERÊNCIAS**

ANSART, Pierre. Ideologias, Conflitos e Poder. São Paulo: Papyrus, 1978.

BACHELAR, Gaston. A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. São

Paulo: Martins Fontes, 2002.

BORBA, Ângela M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In.: Brasil/MEC/SEB. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauhamp, Sandra Denise Rangel, Aricélia R. Nascimento – Brasília: MEC, 2006.

CASTORIADIS, C. A criação histórica. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1990.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos: mitos, gestos, forms, figurs, cores e números. Rio de janeiro: José Olímpio, 2001.

DOHME, Vania D'Angelo. Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. Petrópolis,RJ: Vozes, 2010.

DURAND, G. As estruturas antropológicas do imaginário. Trad.: Hélder Godinho. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

\_\_\_\_\_. A imaginação simbólica. Lisboa: Edições 70, 1988.

LOUREIRO, João de J. P. A cultura amazônica: uma poética do imaginário. Belém: Cejup,1995.

GIRARDELLO, GAIKA E. P. “Televisão e imaginação infantil: Histórias da Costa da Lagoa”. Tese (Doutorado). São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da Faculdade São Paulo, 1998.

SILVA, T. T. da. Identidade e diferença. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

TEVES, Nilda. (Org.). Imaginário Social e Educação. Rio de Janeiro: Griphus:UFRJ, 1998.